

CARTAS

LETÍCIA MIRANDA

Poeta, artista visual e professora. Vive e trabalha em Brasília. É co-fundadora e integrante do Clube de Colagem de Brasília (CCBSB), do grupo Antiquário, onde atua ao lado do músico Lucas Marques e do Coletivo Zarafas. É formada em Letras Português pela Universidade de Brasília (UnB) (2017), especialista em Fotografia pela Faculdade Unyleya e Espaço f/508 de Cultura (2019), mestra em Artes Visuais pela UnB e atualmente doutoranda do mesmo programa. Seus trabalhos relacionam poéticas e linguagens (como poesia, colagem e fotografia) a fim de encontrar rastros e traços de um mundo possível.

Considerando a possibilidade de dialogar com um ser misterioso, quatro cartas são escritas - a conversa se dá a partir do desejo. A proposta consiste em reunir cartas enviadas a uma mulher chamada Francisca. Um nome comum, para uma realidade comum - o apagamento da herança feminina dentro das famílias afro-brasileiras. Essa mulher aparece como um oráculo, como uma ponte para o desconhecido, ao mesmo tempo que provoca pensamentos reflexivos sobre a investigação sugerida. O “aqui” é elaborado a partir da tentativa de estabelecer um diálogo com Francisca, mesmo sem obter nenhuma resposta - as datas e o local marcam a presença do corpo no tempo e no espaço. O mistério ao redor dessa personagem é a sustentação e a causa das cartas.

**cartas,
invenção,
herança
familiar,
mulheres.**

DISTRITO FEDERAL, 03 DE JANEIRO DE 2025

Cara Francisca,

Você pode me ouvir?

Não sei como vão as coisas por aí, não tenho tido notícias suas. As pessoas ao meu redor parecem ter deletado toda e qualquer informação sobre você. Por isso, te escrevo.

Consegui encontrar o caminho para casa?

Recentemente perguntei ao meu avô como era a vida na juventude, como eram os anos 50. Ele abandonou todas as histórias sobre a vó Rosa. Só se lembra de si mesmo... que profunda frustração. Tudo que tenho encontrado são rostos tristes, meio sérios e poucas palavras. Ninguém diz nada sobre ela. É como se fosse um nome maldito.

Ela, silenciosa, sentenciada a ser só - morta ou viva. Calada. Interrompida. Sem grandes feitos e sem grandes histórias. Uma mulher deixada à própria sorte. Gostaria de ter perguntado a ela: como foi engolir o silêncio a vida toda?

O que você acha que ela diria?

Por favor, me mande alguma notícia dela, uma história, algum tipo de rastro... se possível uma lembrança que me ajude a refazer a cadência de sua voz. As coisas aqui seguem pulsando, mas achar palavras pra tanto vazio dói os dentes - eu tenho bruxismo.

Tenho me lembrado de um de seus ensinamentos. Escrever, de fato, tem sido um ato de sobrevivência, um modo de ser menos só. Se a vó Rosa tivesse um diário... talvez tivesse resistido ao tempo.

O "se" causa muita angústia. O que preciso é pensar com lucidez, situar o corpo no mundo.

Você me ajuda a dar pé?
Espero ter notícias suas!

Com amor,
Letícia

DISTRITO FEDERAL, 20 DE JANEIRO DE 2025

Cara Francisca,

Espero que esteja bem. Não sei o que houve, mas não tive nenhuma resposta sua sobre a minha última carta. Tomara que eu não tenha errado o seu endereço. Por aqui as coisas vão indo. Tenho tido muita dor de cabeça, parece que algo foge dos meus olhos e meu cérebro dilata. Isso tem me feito pensar na transição da vegetação. Você sabe, estou me preparando para viajar até a Bahia. Saio daqui do cerrado (comido pela soja) e vou para a caatinga (devorada pelo tempo e pelo homem). Essa alteração, certamente, vai causar algo no meu corpo.

A vó Maria tinha grande sensibilidade no topo da cabeça. Ela entenderia o que quero dizer. Você já conversou com ela sobre isso? Preocupação também atola a mente. Imagine ela, quantas questões não tinha... Onze filhos no mundo... onze! Deixá-los não deve ter sido fácil. Ela também foi carcomida por aquele câncer. Os filhos ficaram um tanto desamparados, atordoados, sem chão. Penso que *perder a mãe* é como esquecer o caminho de casa. Vai ver é por isso que insisto em saber se você conseguiu chegar.

Não tenho dúvida de que a casa é um alicerce, ela amarra o tempo, o corpo... Amarrar pode não ser o verbo adequado... O que quero dizer é que a casa dá contorno e isso tem me faltado. O passado não tem nos oferecido muito alento. Minha sensação é que o corpo se dobra com o tempo. Mas deixemos essas angústias filosóficas para quando nos encontrarmos. Quero te atualizar do que tem acontecido aqui.

O vô Silvio vai embora em breve. Foi para Sobradinho há umas semanas, de lá vai voltar pra Bahia. Acho que não vou maisvê-lo por aqui. Não tivemos chance de nos despedir. Nem sei se queria. Claro que amo meu avô, mas ainda não o perdoei pelas palavras enrijecidas sobre a vó Rosa. Essas histórias mal contadas me remetem ao que Grada Kilomba diz no prefácio de “Peles negras, máscaras brancas”, *algo é tornado ausente* até que deixe de existir. Eu revogo essa sentença. Minha avó não será jogada nesse lugar. Ela há de permanecer. Eu vou seguir insistindo.

Desculpa se tenho te feito muitas perguntas e aberto muitas lacunas (na esperança de você preencher), mas você é a pessoa mais próxima do olho desse furacão. Você é meu oráculo, sempre olhando pro passado para ver melhor. Enquanto espero um sinal seu (aprendi a ler fumaça recentemente) vou tentando executar alguns movimentos - o que veio antes deixa pistas.

Com amor,
Letícia

DISTRITO FEDERAL, 24 DE FEVEREIRO DE 2025

Cara Francisca,

Passam os dias e me questiono se você me lê. Certa vez disseram que seus olhos são diligentes. Minhas palavras encontram esse zelo?

Há algumas semanas foi meu aniversário. Uma dor no joelho me impediu de comemorar como tinha planejado. Acabei ficando em casa, de molho, lendo e escrevendo, vivendo o ordinário nesse dia de virada... paciência. 24 anos atrás comemorei na casa da vó Rosa. Mamãe fez um bolo de chocolate que vovó não comeu. A credice dela não lhe permitia - chocolate à noite faz mal, era nisso que ela acreditava.

Gosto dessa história. Imagino ela recusando o bolo e apenas observando todos comendo, como quem admira o tempo correr. Digo *imagino* porque essa lembrança não é minha. Minha mãe e meu pai me contaram. Você foi lá nesse dia? Não lembro de te ver e como pode ver, a memória de uma criança de 5 anos é vacilante.

De quais outras coisas vó Rosa não gostava ou tinha medo? A lista de superstições devia ser longa. Arrisco dizer que ela temia falar.

Tenho pensado na cadência da voz (às vezes é só um pensamento sobre silêncio). Como será que falavam as iniciadoras do meu mundo? A Letícia de 5 anos, por outro lado, só se perguntava como era crescer com vó.

E você? O que tem a dizer sobre suas iniciadoras?

Há alguns meses você me incentivou a te escrever - a princípio, não entendi sua obsessão com as cartas - e agora tenho receio de ser repetitiva, mas endereçar cartas é sobre isso também. Nos confidenciamos. Afinal, como lembrar do que lhe enviei? Confiei aos seus olhos atentos às minhas palavras.

Com amor,
Letícia

DISTRITO FEDERAL, 14 DE MARÇO DE 2025

Cara Francisca,

Minha alegria é triste.

O tempo tem sido rígido. Os períodos simples parecem bons companheiros de pés cansados, mas não ajudam muito. Preciso recorrer a muitas ações para dar conta do sufocamento que tenho sentido. Pareço faltar a mim mesma - é preciso coragem para admitir. Quando essa sensação chega desejo ficar só, comer minha melancolia devagar. Hoje estou aqui, sentenciada a ser quem sou.

Você deve saber (ou ter percebido) que tenho me desgastado com o silêncio ao redor de minhas avós. Me irrita, profundamente, notar o desdém. Poderia acabar essa carta aqui. Mas insisto em falar. Pra quê tanta teimosia? Talvez eu deva deixar as palavras falharem e ficarem pelo caminho, seria mais sensato não me comprometer tanto... O problema é que a linguagem me puxa - esse lugar traíçoeiro. Recorrer às palavras ainda é um jeito de existir.

Se falo tanto é por querer ir contra o veneno que Rosa e Maria comeram: o silêncio. Insisto na voz e na sonoridade, na ideia de que algo pode quebrar o vazio, o nada onde essas histórias foram escritas. A cada carta que te escrevo constato a vontade de estruturar esses enredos a partir dos rastros sonoros. O que elas diriam?

Dizer algo sobre estar aqui é uma tentativa de encontrar a voz.

Talvez eu só esteja tentando me achar por meio delas ou talvez eu esteja tentando vingá-las ou talvez eu esteja tentando entender o que fazer com tantas agulhas no palheiro.

Francisca, o que há no fim desse redemoinho?

Se puder, me sopra uma palavra.

Com amor,
Letícia

Companheiros de escrita

BETHÂNIA, Maria. *As canções que você fez pra mim*. Rio de Janeiro: Polygram, 1993, MP4 (3:44).

FANON, Franz. *Peles negras, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; prefácio de Grada Kilomba; posfácio de Deivison Faustino; textos complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GARCIA, Marília. *Parque das Ruínas*. São Paulo: Luna Parque, 2018, p.25.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.